



PROPRIEDADE DO CLUB X

REDACTORES PRINCIPAES

Almirante Duque de Rich-Rich e Conde da Floresta Negra

Publica-se nos dias 1 e 15.—As assignaturas são gratis.



ANNO I.

RIO DE JANEIRO 15 DE NOVEMBRO DE 1867

N. 7.

15 de Novembro.

No peito da mocidade ha sempre uma manifestação de enthusiasmo para as grandes concepções, e para as idéas generosas e humanitarias.

E' por isso talvez que nós comprehendemos a associação como o instrumento mais necessario e mais util á marcha da civilisação. Lopes de Mendonça só admitte a realza da intelligencia e os brazões, que se adquirem pelo culto austero da sciencia e pelas improbas vigalias do estudo e do trabalho. Isto é ainda o verdadeiro espirito da associação com os seus triumphos e nós estamos do seu lado.

Ahi, assistimos admirados e orgulhosos á luta esplendida do passado com o futuro; ahi, o espectáculo avulta em magestade á proporção que os horisontes se rasgam pela acção intellectual dos modernos lidadores.

O amphitheatro da paz devia justamente assentar no campo da guerra, e Marte assistindo impassivel a essa scena, era obrigado a comprehender que representava um papel bem ridiculo perante a Exposição Universal de 1867.

O que pensaria então, o velho guerreiro daquelle distincto grupo que lá se creou, sob o titulo X?

Inspiração salutar e magnifica, criação engenhosa, fecunda e humanitaria! O grupo X é uma associação que se propõe a melhorar a condição physica e moral das populações.

Para esse fim estuda os meios de vestir e alimentar bem e barato as classes desherdadas, sem jamais esquecer-se que a luz é a palavra magica do poeta desterrado, e que por ella deve tra-

balhar, aperfeiçãoando os methodos de ensino, e derramando com os livros a instrucção.

A mão do artista, modesto na sua pobreza e nas suas aspirações de gloria, embora callejada pelo trabalho, póde, aberta, servir de pergaminho nobre e honroso, do qual ninguem tem mais o direito de desdenhar.

O grupo X, é, pois, uma instituição digna deste seculo!

Cabe-nos agora aqui glorificar se é possivel, o titulo do nosso Club.

O X como letra, como algarismo ou como incognita é, sem contestação, um distinctivo propicio, que promete patrocinar muitas glorias e triumphos.

Delles a nossa associação será apenas o reflexo pallido e fugitivo, sabemol-o, mas, para consolação, basta ver o emblema que nos guia, aberto em letras d'ouro no estandarte de sociedades como aquella:

ALLAH! X!

A ONÇA DO RIO COMPRIDO.

Os habitantes da pacifica, leal e heroica cidade do Rio de Janeiro, ficaram sem duvida atemorizados com a apparição do novo hospede.

O negocio não é para menos.

A chave do grande problema politico de Lopes, devia achar-se nas portas da capital do Imperio. Os *cambahys* deixariam a sua autonomia. A terra de Santa Cruz, envolvida na massa republicana dos seus alliados, formaria a mais fecunda provincia do Paraguay.

Tudo isto era magnifico, soberbo e realisavel, senão fosse a malfadada lembrança de vestir a

pelle de uma onça e vir o amigo Lopes assim sem mais nem menos, visitar os nossos poleiros.

Conhecemos dous moços que a principio nos affiançaram ser o Lopes a tal onça. Queriam elles provar isso pela *metempsicose*, pois acreditavam ter morrido do cholera esse conjuncto de *billis*, com fórma humana.—Vá lá.—Que elle é uma fera e que comia gallinhas, isso ha muito sabiamos; que precisava supprir-se, tambem não o ignoravamos; mas que a onça Lopes, viesse até a capital como protestou fazel-o o *Lopes Onça*, isso é que não podemos comprehender.

Um desses moços narrou-nos do seguinte modo a tentativa que fizera para ter jus aos 10:000\$, que um subdito polaco ha tempos offereceu a quem aprisionasse ou matasse o *Lopes Onça*.

Fallou assim:

« Quando os jornaes, quero dizer, o Dr. Gazetilha, fallou na appareição da onça, eu logo desconfiei da cousa. Convidei um amigo, tendo já antes consultado a somnambula A... V... que enrobusteceu a minha crença, e deu por mathematicamente exactas todas as minhas supposições.

« Chamei o meu companheiro e armados desde os pés até a cabeça nos pozemos em marcha para o morro de Santa Thereza.

Pretendiamos passar a noite com as armas escorvadas, para que não fossemos desagradavelmente sorprendidos.

No lugar denominado *Dous Irmãos* haviamos estabelecido a nossa espera.

« A noite já ia bastante avançada. O frio, o silencio e as trevas começaram a nos incomodar desde logo. A' fé o confesso, o meu coração saltava-me dentro do peito como um gafanhoto na relva.

— O Lopes é traíçoeiro, dizia o meu amigo e capaz de nos assaltar pelas costas.

— Não te ponhas com essas graças, senão vou-me embora, que mais vale a minha vida que os dez contos do polaco.

— Ouve bem o que te digo: Se fosse uma onça vulgar, vá; mas olha o que te disse a somnambula.

— Já te disse que não quero graças. No fim de tudo, tu és um medrozo; não sabes que estamos na *onça* e precisamos matar a onça, para termos dinheiro?!

Estavamos nesse colloquio, quando de um lado da estrada por entre o mato, ouvi ruido.

— Alerta! Disse eu baixinho, fingindo-me calmo.

Acabava apenas de proferir essa palavra e já dous *luzios*, semelhantes a duas lanternas nos allumiavam. Tremiam-me as pernas como canaviaes ao vento. Quiz fazer a pontaria e não sabia de que lado pegar na espingarda. O monstro começou a bufar e eu a tremer cada vez mais. Tinha nas mãos um deposito de armas e não sabia me servir dellas.

De repente ouvi uma detonação, depois outra. Um corpo fulminado como por um raio, rolou na estrada. O meu companheiro fôra um heróe de coragem; acendeu a lanterna que traziamos e com ella aproximou-se do vulto ainda nas vascas da morte.

Livre era o mundo e os seculos vingados.

Lopes o tyranno — Lopes o barbaro — Lopes o despota — Lopes o onça estava morto e bem morto.

Corri atraz do meu ousado amigo, para entoar com elle o hymno da victoria, mas qual não foi o meu espanto!

— Meu bom amigo! exclamou elle, fatal engano!... matei o meu cavallo, o meu *Plutão* pensando matar a onça.

E com effeito era o seu cavallo; havia-o emprestado por oito dias ao seu primo J. e pastava tranquillamente entre o mato.

Jurei nunca mais metter-me em caçadas de onça durante a noite e mandei ao diabo a *metempsicose*, e o Dr. Gazetilha.

CONDE DA FLORESTA NEGRA.

ZIG-ZAG.

INAUGURAÇÃO.—O Club X inaugurou o seu novo *palacio* no dia 1.º do corrente mez.

Ahi se achavam representadas as distinctas sociedades Club Chromatico, Tenentes do Diabo, Estudantes de Heydelberg e Gymnastica Franceza.

A ultima bem como a primeira destas sociedades concorreram para que a sessão de gymnastica, na *sala azul*, estivesse brilhante. A sessão de magica e prestidigitação por um socio do X pareceu a todos de satisfactorio desempenho para um simples amador.

Isto foi executado na *sala amarella* e *sala verde*.

Na *sala azul* houve ainda um modesto e ligeiro assalto de armas.

Aos convivas foi offerecido um copo d'agua, ou mais positivamente, um copo de cerveja.

No piano executaram-se bellos trechos de musica durante a noite, acabando a nossa humilde festa entre protestos de confraternidade, nunca

desmentidos, destas associações, que quanto mais se vêm mais se estimam.

Cabe aqui á directoria e commissario de mez do Club X manifestar ás mencionadas sociedades o seu reconhecimento pela honra que lhes deram aceitando o convite que para tal reunião lhes fôra feito.

MAIS UM POETA!! — Ao darmos no nosso numero passado uma rapida noticia das poesias do Sr. B. B., não levamos em vista deprimir o talento fecundo e fertil de tão *esperançoso* poeta!

Não!

A critica é como o buril na mão do estatuario — aperfeioa sempre.

Em relação ao autor dos *Sete peccados mortaes*, temos disso já um exemplo eloquentissimo.

Defendendo-se perante algumas pessoas da accusação que lhe fizera o X de ter elle medido os versos por *pollegadas* e não por *metros*, tornando-os de mais avantajado comprimento, — dizia, com a sobranceira de um encyclopedista do seculo passado:

— Não entendem disto nem pitada. Não sabem que o verso *florentino* existe, e que cada perna deve levar um pensamento inteiro, fique lá de que comprimento ficar. Pois não ha liberdade poetica?!

E depois eu mostrei os versos a quem entendia do riscado, e acharam-n'os sublimes.

— Mas a epigrapha não é sua, confesse?!

— Toda não! isto é, a traducção latina é do *Bem das vinhas*, a franceza, do Dr. Barata, a, portugueza minha, e a ingleza do Barão de Cayapó.

A este ultimo devo mais o obsequio de me ter revisto os meus versos, e de me ter ensinado alguns termos por ora desconhecidos, que elle encontrara nas suas investigações mineralogicas.

« Zás trás nó cego e pula no poleiro. »

O LIVRO NEGRO.

POR UM SOCIO DO X.

(Continuado do n. 4.)

No dia seguinte Athayde recebia este bilhete:

« O senhor não tem juizo, é um parvo. Eu bem o ouvi cantar quando começava a adormecer, mas papai, como sabe, tem um dormir horrendo, porque finge perfeitamente um rabecão desafinado, o que foi motivo para me levantar sem susto e ir para o jardim. Torno a repetir que o senhor é um tolo e um parvo, pois queria que apparecesse na janella? Para a outra vez seja mais fino.

« Quero vel-o passar aqui todos os dias. Sua do coração. — *Emilia*. »

Athayde arrepellou-se de raiva, e chamou a si proprio muitas vezes tolo e palerma. E com razão, porque, como diz Gomes de Amorim:

*Era a caça quem caçava
Ao cego do cocador!...
Quem tão pouco vê, não sabe
Qual caça tem mais valor!...*

D'ahi em diante ficou sabendo que a mulher tem uma vivacidade e um tino, nestas campanhas trabalhosas do amor, muito superiores á intelligencia do homem.

Quem diria que aquella candida e ingenua criança se levantaria muito caladinha, e pé ante pé desceria ao jardim para gosar em horas tristes e melancolicas da noite os aromas e as fragancias das flôres, que, iguaes ao opio, embriagavam o espirito em sonhos vagos e mysticos, como os accordes doces e suaves da lyra nas mãos do poeta, ou como as orações celestiaes da monja pelas abobadas do templo?!

Era então o tempo dos banhos. Miguel de Vasconcellos creara na praia das *flechas* uma paixão, destas paixões cegas e desatinadas que ou nos arrastam ao fundo do abysmo, ou nos elevam á sublimidade das grandes acções.

Eduardo de Mendonça, esse estava como um diplomata em *disponibilidade*, o que fazia perfeita harmonia com o seu character voluvel e inconstante. N'aquella praia reunia-se toda a aristocracia feminina do bairro. Ahi os nossos heróes enfiavam no corpo o uniforme do banho e lançavam-se ao mar, onde se mostravam habéis e demasiadamente arrojados.

As moças applaudiam-n'os, e a sympathia crescia á proporção do enthusiasmo.

Quando se recolhiam á sua barraca, dizia delles um observador, critico mais azedo que uma pedra de sal, que, atravez das roupas, distinguia-lhes sempre as formas vasadas nos melhores modelos da estatuaría.

Queria com isto explicar o motivo porque elles recebiam tão pronunciadas provas de afeição entre as *banhistas*.

N'uma manhã Eduardo, ou por acaso ou de proposito, entrou pela barraca de uma espirotuosa menina, ao tempo em que ella acabava de recolher-se do banho.

— Perdão, exclamou elle, enganei-me na porta.

— Oh! não tem de que... eu é que lhe perdão de se não enganar mais vezes.

Ninguém tinha reparado no *quiproquo*, e Eduardo repetia-o sempre que encontrava occasião.

Um dia amanhecera o mar bastante alterado.

As vagas em novellos d'espuma abriam-se com grande ruido ao longo da praia.

Algumas moças tiveram a rara coragem de tomar banho.

Miguel de Vasconcellos ouvira de repente, quando ainda se preparava, um grito angustioso de morte por entre o bramir do vento e das vagas. Homens e mulheres responderam aquelle grito com outro grito porventura mais sepulchral e horrendo.

O mancebo sahio da barraca e só teve tempo de ver um redomoinho no mar e os dedos dos espectadores que apontavam todos para o mesmo lugar. Olhou para os esgarces, viu-os erguerem-

se com as fauces abertas, medio a luta dos elementos e pareceu hesitar.

As mãos escorregavam-lhe por entre os cabellos, e um sorriso de escarneo ia embutir-se na face dos cavalheiros que assistiam immoveis a semelhante scena. Na serenidade da fronte havia a idéa do triumpho envolta com a idéa do sacrificio, e n'um só gesto parecia exprimir o *salve* dos gladiadores romanos ao entrarem no tumulto, que outra cousa não era um circo de feras.

Como a setta despedida do arco, Vasconcellos arroja-se veloz ás aguas revoltas e tumultuosas, onde desapareceu.

Os circumstantes estavam n'uma mudez respeitosa e santa, e algumas moças mais sensiveis não puderam conter duas lagrimas no coração, donde subiram para rolares pelas faces.

O heroico mancebo não surge á tona da agua, nem a menina que pretendia salvar. Nem um nem outro! Duas mortes na flôr da idade!

Ninguém podia soltar um ai! o sangue parára nas veias e a alma estorcia-se entre dous martyrios: a duvida e a desesperação.

Correram longos alguns instantes... a anciedade era muita.

Salvos! exclamaram todos com uma voz tremula.

(Continúa).

A SIRIGAITA (*).

ROMANCE

II.

O CLUB X.

No dia immediato, eram apenas 6 1/2 horas da tarde, e já alguns socios se achavam no club, então situado á praça da Constituição do lado da rua da Carioca.

A reunião augmentava successivamente, e cada qual se inscrevia com todos os titulos de sua *fantastica nobreza*, nas largas paginas do livro-ponto, aberto sobre uma mesa.

— *Cavalleiro Celta!* — disse um dos circumstantes. — Já assignastes o ponto?

— Ainda não, — mas vou já assignar.

— Sois quasi sempre remisso em assignar, e até muitas vezes....

— Limitado na assignatura, acrescentou outro circumstante.

— Não o serei agora. E dirigindo-se para a mesa, pegou na penna e encheu tres linhas de uma das largas paginas do livro-ponto, inscrevendo-se com todos os accessorios ao seu titulo de *Cavalleiro Celta*.

— Mui bem! disse, rindo, um personagem que estava proximo. *O Cavalleiro de Celta*, desta vez não omittiu nenhum dos seus titulos *archeologicos!* Até cheguei a suppôr que precisasse virar folha: ouçam, meus senhores!

E leu em voz alta o que o *Cavalleiro Celta* escrevera.

— Bravo! exclamou com ironia o *Conde de....*

— Eu ignorava que a vossa arvore genealogica tivesse sido tambem cultivada pelos Carthagi-

(*) Vide n.º 6.

nezes. E não admira, poucas vezes nos dais o prazer de comparecer....

— Bem sabeis, atalhou o *Cavalleiro Celta*, que a minha occupação não permite que....

— Apoiado! acudio um terceiro gracejando. Diz o proverbio: Primeiro a obrigação, depois a devoção.

— Oh! replicou no mesmo tom de gracejo o *Conde de....* quanto á obrigação, todos nós sabemos que o *Cavalleiro Celta* é caprichoso no cumprimento de seus deveres; e quanto á devoção, tambem tem dado provas de ser um dos devotos mais dedicados ao *deus da folia*.

— Bravo! Exclamaram diversos.

(Continúa).

DUQUE DE COVADONGA.

POESIA.

O bom raciocinio!

Quando não custa a ganhar
Inda menos a gastar.

Sempre aspirei á grandeza,
Mesmo sem ser fanfarrão.
Embirrei com a pobreza,
Tive-lhe minha aversão!

Herdei de um velho, coitado!
Em santo repouso está.
Eu era seu afilhado,
Passou-me a bolsa p'ra cá.

Da herança do padrinho,
Ajuntei um bom farnel.
Posso gastar, sou sosinho....
Cahiu-me a sopa no mel.

Tenho chacara, lauta mesa,
Bons charutos p'ra fumar....
Que heide eu fazer da riqueza?
Vou gastando-a p'ra gozar.

Para ser negociante,
Tenho certa negação.
Podem dizer: E' tratante,
Venha para a correção!

Não quero vêr-me envolvido
Nas quebras e concordatas;
Nem mesmo estou resolvido
A viver a escrever datas.

Deposita-la nos bancos?
Não lhe vejo segurança,
Anda tudo aos avancos....
Tenho medo da *papança*.

Como sou do luxo avaro,
Desejo viver na França;
E apesar do cambio caro
Vou-me embora sem tardança.

Que me importa dez por certo
Quando eu herdei tantos mil?
Nunca foi do meu intento
Fazer contas por ceutil.

Do velhote forretão,
Não herdei esses costumes,
Que, por causa d'um tostão,
Compulsou grossos volumes.

DUQUE DE COVADONGA.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA—PERSEVERANÇA—RUA DO HOSPICIO N. 91.